



O MÁGICO.

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro etc.
Comp., rua d'Alfaudéga n. 135.— Assigna-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 25 DE ABRIL DE 1852.

O PASSEIO DOS TREZ OU UM ROMANCE A' MODA

(Continuação do n. 22.)

— Sim, o que é isso?

— Confesso que não sabia. Estava agora absorto a pensar n'um solo em copas; eu tinha os triumphos maiores, excepto a manilha: esta cahia logo na primeira mão, e eu ganhava o jogo. E era um bom solo, Leonardo!

Os outros acolherão com uma gargalhada o dizer serio do jovem padre, e disserão entre si:

— Está fora dos eixos; não regula.

— Mas, Leonardo, tratavamos agora aqui da impressão de um periodico, e vemos que é impossivel.

— Impossivel! e porque?

— Dinheiro! responde o outro roçando expressivamente o dedo polegar do indice. Demais precisamos dos collaboradores; e talvez mesmo nos falte materia, para encher a folha.

— Isso é o menos; inventa-se alguma questão a premio, e chevem os collaboradores, depois de muita asneira damos ja solução cá ao nosso ver, e entretanto ja teremos feito alguma couza.

— Isso é ridículo. Havemos por ventura imitar a Marmota e o decantado —P. dos P.

— Bem adequado nome

— Triste Jose Daniel, que se ainda vivesse, tinha de se ver á braços com bom numero de Gauderios.

— E a Roza brasileira!

— Oh !

— Tão murcha, coitada !

— Mas deixemos agora descansar estes infelizes, interrompeo Leonardo. Talvez que possamos publicar um jornal, Mas agora vamos ver has pequenas. — Hereges! clamou o padre concentrado hoje, dia santo !

Entretanto joga-se, não é assim, meu padre?

— Ah! foi um desvario da imaginação.

— Pois o nosso é um desvario do bom gosto.

— Silencio!.... ao passeio.

E pegarão os trez nos chapeos e bengallas, chegarão ao espelho e sahirão.

O padre continuou a sua leitura. Consta que dabi a pouco adormecera sobre o livro.

Como era apreciado o nosso Chateaubriand!

III.

Veja se o artigo publicado no segundo numero do Guaracanga com o titulo de Rio de Janeiro

— Aonde iremos? perguntara o amigo Leonardo aos sociaveis companheiros.

— Ao passeio publico ?

— Mattacavallos?

— Oa Catete aristochratico ?

— Djabo, que nunca concordamos !

— Pois passemos sem destino.

Apoiado da maioria.

E começaram a andar sem saber por onde, só pelo mero desejo de andar, e como nesses casos sempre prepondera alguma circunstancia, devemos advertir que a da occasião era um debate animado que de subito se ventilava sobre interesses politicos. No foror da discussão os homens se esqueciam, de si, e iam e vinham por caminhos que já tinha transitado.

— Com que, diz Angusto, és republicano; não é assim meu caro bacharel?

— Um peu meu bom amigo regressista,
Oh lá acudiu Leonardo; o monarchista é o amigo do regresso.
Alistado debaixo das bandeiras monarchicas, defendel-as-ei com todo o empenho.

— E' ser regressista, sim, dizia calorosamente o bacharel: é ser regressista porque eu não entendo que o homem possa desenvolver-se sem uma plena liberdade.

— Liberdade! que bellas palavr as! E acreditas em liberdades republicanas? Que linda chimera!

— As vezes hⁱ m^{is} tirannia, acrescentava o segundo monarchista; e nesse caso antes um tiranno rei, que um tiranno do povo.

• — Que, senhores! pois, não há mais facilidade em acertar pelo voto de muitos?

— Voto livre! se a caballa cessasse estávamos bem servidos! um votaria no compadre, porque baptisou-lhe o filho; outro no cunhado, porque é irmão da mulher; outro no irmão porque é filho da mãe; e...., et cetera. Aí a caballa é muito necessaria.

— Para os homens pervertidos. Não era tão nobre o governo das republicas gregas e italianas? Ja houve pa z que em gloria hobreasse com Athenas, Sparta, Veneza, Genova, e outros grandes colossos dos tempos antigos e medios.

— E as sociedades não mudão? Os homens, e hoje tem as mesmas ideias que os Gregos antigos, ou os Italianos do XIV seculo? Cada idade deixa no tempo o canho do seu caracter; todos os povos se transformão á medida que passão as suas eras. Os barbaros se transformavão successivamente; foram os atrevidos companheiros dos bravos de Francisco I: passarão a ser os sabios de Luiz XIV, e são hoje esses homens que se alçunhão civilisadores do mundo. Assim tambem os batalhadores de D. João I. se prostituirão nos Portuguezes modernos. Os tempos não retrocedem; as republicas italianas são hoje irrealisaveis.

E quando não forem, acredita que hovessem nell as perfeita igualdade entre os seus membros? A aristocria italiana não era muito mais enfatuada de seus privilegios do que mesmo hoje a nobreza da iuglaterra? São bellas palavras, são bellos pensamentos, mas são chimeras que uma imaginação desvairada.

— Bem fez um bonito discurso; quis mostrar que sahia historia..... mas passamos adiante por vāo se poder realizar hoje a republica tal qual era na media, segue-se que não pode ser estabelecida com o caracter dos tempos modernos?

Mas esse caracter é — anti — republicano.

— Entretanto é a do povo mais civilizado.

VARIEDADES.

— Remontamos ao tempo dos lubis-homens e das Fadas. O caso é celebre! Erão dez horas da noite de quinta feira, o Ceo fazia caretas, e estava muito escuro, porque os lampiões pareciam cançados de gastar azeite.

De repente vimos uma couza branca comprida movendo-se como que aos pinotes, bulha de ferros, quatro ou cinco vozes sepulcraes a dizerem — alpista — alpista — ferra — ataca dahí a alguns gemidos, e mais a couza branca se movia, e pareceo-me que também fallava. isto se passava em um lugar profundo que nem uma caverna, junto a montanha negra, do cumo da qual estava pendurado um gigante de forma quadrada. assim ao primeiro rompante, eu que sou nervoso, e aprehensivel pensei que erão almas do outro mundo, mas tornando a mim, criei animo me proximo do phenomeno e reconheci que era o official da ronda, montado em uma egua branca, que estava com raiva por deixar a cocheira e o capim aquellas horas para ir vizitar sentinelas e patrulhas. A montanha era a porta da cocheira, e o gigante a taboleta. Os gemidos, era o animal que ralhava com o seu companheiro de viagem por lhe estar esmoreando as tripas, talvez por ser de um sexo differente.

Ora vejão o que é a gente tomar as couzas pelo volume!....

— Ha uma sociedade de baile na rua do Santo das Chaves (santo que dá entrada para o Ceu e para o inferno) pois sim, a dita cuja sociedade, teve o arrojo de dar um *bailéco*, na semana sancta. Consta que a authoridade competente não quis tomar a si a responsabilidade da licença, porem o inspector permitio, contanto que as portas estivessem fechadas (como senão fosse o mesmo); aconteceu que, abião um bocadinho dahí a pouco estava tudo, vinha o *garnizez* e dizia — "senhores fechem se" — passado um pouco de tempo tornarão a se abrir sendo assim bem bom escandalo. Até que a final, ou cova o dente, dizia o *garnizez*. Os homens se taparão de uma vez. Tem agora uma outra rival à sua esquerda, a qual faz sua orchestra consistir em um piston e uma rabeca. Oh que harmonia!

— Um sujeito de certo armazem de sahidas e entradas recebeo para entregar, como presente vindo de fora, um barrilote de vinho do bom, da noite para o dia desapareceo a parte maior do liquido, vem uma pessoa por elle; ha por esse motivo uma scena das mais interessantes; e da mesma forma, dessa noite para o dia seguinte aparece outra vez cheio!

O sujeito fez vinho d'agua sa'gada em menos de vinte e quatro horas, é habilidade!

— Consta, que de tantas carroças de lenha que se tem virado, partido e arrebentado por essas ruas alem, de uma dellas ficou desgarrado um feiche, em um dos nossos buracos cheios

de lama; ficou esquecido e abandonado, e como a lenha era tirada da aroeira, e isto ha já seus dias, principiou a grelar. Em breve dará fructo e lá teremos os *gaturamos* todos da Ellma. É um bom sistema de plantação para termos arvoredos pello centro da cidade.

UMA DEFEZA VALIOZA.

Vá de historia, que se fizer rir ou chorar -era bem bom para os leitores. Entremos na couza.

Um pintor ou antes um borrador de Tolosa, olhem bem que Tolosa é uma cidade franceza de França, foi accuzado por uma mulher da vizinhança de a ter deshonrado, e como na occasião ella estava pejada requeria que elle a despozasse, ou que lhe pagasse uma innocencia que ella já tinha deixado roubar ha mais de quinze annos. O pobre diabo, quero dizer o borrador era feio, estupido, e de mais a mais não possia dez réis de mel coado, desesperado corre a aconselhar-se com um advogado, a quem diz que foi a tal mulher quem o tinha seduzido...

Calla-te dís o advogado, com esse teu focinho de porco, não te fica bem dizer que fostes seduzido : ninguem te daria credito.

Então prometteo-lhe tomar a sua defeza, sob condição d'elle não tugir nem mugir por mais desagradaveis que fossem suas palavras na defeza, assegurando lhe desta sorte o bom successo de sua cauza.

Chegado o dia do julgamento, depois do seu adversario declamar sobre a fraquez, a fragilidade do sexo feminino, e sobre os artifícios do outro sexo para illudil-o &c. o advogado do pintor tomando a palavra disse:

Sr. o meu cliente é um mono, um pobretão é um estupido... O pintor ouvindo isto quiz fallar porem seu defensor lhe impôs silencio, e continuou : dice que meu cliente era um mono... quereis certeficar-vos olhai para elle : que era um pobretão... elle é pintor ; que elle era estupido... dignai vos interrogal-o.

Estabelecidas estas verdades, continuarei : ninguem pôde seduzir senão com belleza, dinheiro ou espirito, e sendo estes tres predicados justamente aquelles que são constantes inimigos de meu cliente, concluo que a accuzação é falsa, e essa mulher é uma embusteira.

Os juizes largarão-se a rir, e absolverão o reo d'accusação.

ESTUDOS THEATRAES.

Não somos, inda aqui estamos. A suspensão dos espectáculos lyricos, suspendeo-nos tambem a vontade de estudar; porem agora que vimos apontar no horizonte theatrical uma constelação grandioza e brilhante, que os nossos astronomenos assegurão ser uma das primeiras constellações conhecidas, abrimos de novo nosso compendio, e principiaremos nossos estudos quando essa constelação chegar ao alcance de nosso observatorio. Antes porem de chegar esse momento, não deixaremos de notar que nos parece de mau agouro, que a primeira vez que essa constelação s'appresentava aos olhos de alguns astronomos, na *Favorita* da noite, ella se deixasse ver ennuviada e pallida como estrela que extranha o ar que a circunda.

Fallamos de Mme. Stoltz, e de sua enfermidade tão mal cabida e tão pouco lisongeira.

Basta de exordio, começemos a lição.

Lemos em uma folha semanal, que a Sra. Stoltz assistindo à reprezentação da *Rainha de Chipri* appluadira a Sra. Zecchini.

A ser verdadeira a nova que nos deu essa folha, como explicaremos esses applauzos?

Serão generosidades da consciencia de seu proprio merecimento?

Será justiça ao merito da Sr. Zecchini?

Será alarde da generosidade perante o publico que devia julgal-a!

Ou será?... Seja o que fôr, são certamente um acto de nobreza e civilidade, que deve previr o publico a seu favor, e que não hade ser perdido para o seu bom ou mau acolhimento?

Comnosco cremos, que devem pensar todas as pessoas sensatas; comnosco cremos dever concordar todos aquellos, que despidos d'interesses, de despeitos e de protegidos, não atenderem senão ao merecimento artistico de um cantor; e por isso julgamos de nenhum fundamento de que *alguem* do theatro arranjaria gente para patear a Sra. Stoltz!

A darmos credito, perguntariamos a quem nos governa: até quando se hade consentir no theatro um homem, que tem sido o perseguidor de todas as cantoras de nossa scena? que nos tem vilipendiado a seus olhos? que nos fez perder A Mereia, Mugnai, Candiani, Ida, Pretti?

Até quando se hade consentir que um homem desfigure nosso caracter, e nos fassa ter em menos conta do que merecemos?

A comissão directora procura por meio do *J do Com.* um emprezario para o theatro...

Não sabemos, nem queremos saber as razões, que tem para depôr funcções, que não nos parece das mais trabalhoza; porem podemos assegurar-lhe, que hade encontrar difficuldades e não pequenas, para deparar com um emprezario, enquanto esse homem tiver gerencia em bastidores. Compenetre-se bem a comissão de nossas palavras, e virá no conhecimento de sua-veracidade entretanto axamine profundamente esses boatos de pateada, e se forem verdadeiros, reclame á auctoridade competente, e prohiba com todas as suas forças, que se de mais uma vez espectaculo de selvajaria, que muito a, quem da civilização brazileira.

O Chico.

O DOENTE.

O cazo que vou narrar passou-se entre certo doente e o doutor, que assistia; teve elle a lembrança de dizer que soffria da febre da quadra, para assim afugentar a visita dos cnriosos e indiscretos a fim de não saber tanta gente a cauza real de sua enfermidade. A lembrança é digna de quem a concebeo, porem faltou sempre alguma couza, que foi não ter hido para fora cónvalecer: isto deo motivo a alguns juizos temerarios, pois no primeiro dia que se fez visivel, não estava nem mais nem menos amarelllo do que a sua côr natural. Quem quiser que morda a isca.

Um sujeito ha poucos dias
Soffre de febre amarella
E' mentira foi de reio
D'uma grande escóvadella.

Quando o medico assistente
Tomava o pulso em lugar
Dizia-lhe aquelle ao ouvido
“ Cá nas costas ha-de achar.

E' ahi que eu tenho febre,
Doutor eu peço segredo,
Pela lezão das pancadas,
P'ra não sofrer cassoadas.

Eu direi que é amarella
Ainda que pareças roxo;
Pois a coça foi de mestre
Que te fez ficar tão coxo.

Ah que queres, as bellæzas
São couzas desta amargura,
Serão sempre meu fadario,
The baixar à sepultura.

“ Mas nota que não ha sempre
Desculpa na epidemia,
E a cauza destas doenças
Virá a saber-se um dia.

“ Paciencia, que remedio
Examina-me doutor.
Aí! que doe lave o diabo,
Quem não goza um bello amor.

“ Que taes gozos meu amigo
Esses amores e bellas
Não tomo nada, com isso.
Estimo mais as costellas.

R.

CUPIDO

Esta carta é a companheira da outra que publicamos no numero passado, e que parece ser da figura do nosso Adonis das letras de conta; fica o nome do sujeito, que vem patente, porque elia o chama por elle em sua cartinha expressiva, e ate escreveo seu proprio nome por extenso, que por deferencia não publicamos senão as iniciaes.

Meu querido João sinho.

Muito padece meu coração ausente de ti, meu adorado Joaosinho, ontem quando foste para vossa caça, o meu coração sepultou-se, na maior tristeza que he possivel, o amor que eu vos protexto, fai com que eu não deixe de não te escrever, por que he o unico alivio, que tenho em meu coração.... Qual ke o praser de uma amante, meu adorado, Joaosinho. He sen duvida ser correspondida do seu amante, Adorado.

Joadosinho, eu vos pesso pela amisade que me protexta, não me deixe de escrever hum só dia, que he para mim grande praser, não posso te escrever assim como eu desejo, porque eu tenho Mái.

Aceita o fiel coração
desta tua amante.

C. A. de M.

queria me desculpar apresa foi muita

volte.

CHARADAS.

Quando recebo obsequios
Bem quando apertos sinto
Cumpro essa lei do dever
Assim pratico não minto — 2

O que for tão revestido
De sentimentos leas
Pratique melhor que faço
Nas primeiras; qu'esta é mais — 1

Sou daquelle que me ama,
A completa maravilha;
E' feliz o que me goza,
O que de graça me pilha.

E. A. R.